



Vida nas ruínas: afetos no encontro entre pesquisadores e a população de rua.

Joana Mostafa¹

Resumo

Este artigo analisa e fabula em torno dos encontros iniciais de uma pesquisa com populações em situação de rua no centro de Brasília. A pesquisa de campo conta com a mediação de uma associação que realiza ações de redução de danos junto àquela população. A pesquisa pretende investigar a relação das pessoas em situação de rua com as instituições públicas a partir de suas narrativas e práticas cotidianas. A intenção é de experimentar com as estratégias de negociação das categorias, protocolos, narrativas, relações e práticas que tecem o encontro entre população em situação de rua e as instituições públicas. Interessam, sobretudo, as traduções e os acontecimentos que propiciam, ao contrário da ideia de exclusão, algum vínculo, alguma troca, alguma política. Mas por que esse problema interessaria a pesquisadoras “como eu”? Quais técnicas podem revelar a parcialidade e os efeitos de poder da minha fala e texto a fim de que eu possa alcançar uma “objetividade” que não negue história e luta ao outro pesquisado? Este texto trabalha no sentido de desatar esses “nós” a partir da literatura de análise de implicação e do pensamento posicionado feminista. Ao fazê-lo, coloca em presença posições inconciliáveis de diferentes perspectivas cosmopolíticas numa fabulação em que ratos, população de rua e pesquisadores travam um embate nas mídias digitais. Desejo, com isso, abrir caminho para afetos e pensamentos que desloquem as superfícies prévias entre sujeito-objeto de pesquisa, ao seguir a pista de minha interlocutora, ao longo dos primeiros dias, em que me contou sobre a superfície bastante tênue entre ratos e humanos.

Palavras-chave: população de rua; epistemologia feminista; análise de implicação; fabulação.

Introdução

Ao realizar os encontros exploratórios de uma pesquisa com populações em situação de rua na área central de Brasília, fui tomada por incômodos e zunidos que deram origem ao presente

¹ Doutoranda em Sociologia/Universidade Estadual de Campinas. Este texto é produto de pesquisa e reflexões realizadas conjuntamente, nos encontros e fricções entre os pesquisadores, e entre estes e o campo interacional da pesquisa, que inclui os “objetos” da pesquisa. Agradeço os comentários e insumos de Roberto Pires, Maria Paula Gomes, Marcelo Galiza e Juma Santos.

texto. A pesquisa faz parte de um esforço mais amplo, ainda em curso, realizado por quatro pesquisadores do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Na qualidade de técnicos do instituto, fizemos diversas idas exploratórias a campo no mês de junho de 2021, que compõem o material primário para a reflexão esboçada neste texto.

O trabalho de campo conta com a mediação de uma associação sem fins lucrativos que realiza ações de redução de danos, dando especial apoio às mulheres em situação de rua, mulheres trans e profissionais do sexo. Assim, as reflexões e invenções escritas aqui foram produzidas por e no nosso contato intenso com a redutora de danos responsável por nos acompanhar e misturar naquela paisagem, Estela. A redutora de danos Estela, ela mesma moradora de rua dos 8 aos 20 e poucos anos de idade, na mesma região de nossa pesquisa, então profissional do sexo e usuária de substâncias psicoativas, “saiu” da rua no contexto de uma política de redução de danos do governo distrital há cerca de 20 anos atrás. Estela tem hoje por volta de 40 anos e, apesar de razoavelmente inserida no modo de vida pequeno burguês (marido, casa, família, trabalho), ainda se reivindica puta, usuária de drogas e da rua.

O território da pesquisa é a área central de Brasília, “o centro do centro do centro do Brasil”, como anuncia o jornaleco cultural Jararaca², no cruzamento das asas e o corpo do avião projetado por Lúcio Costa. O Setor Comercial Sul (SCS), em que resolvemos focar atenções, é uma das áreas de maior circulação de Brasília, onde passam cerca de 150 mil pessoas ao dia³. Apesar do processo de depreciação e abandono pelo capital, o “setor” virou objeto recente de disputa, seja por meio de projetos de ‘revitalização’ (dando a entender que está morto) ou de alterações quanto ao uso, sobretudo pela via dos projetos culturais e da ocupação habitacional⁴, esta última ainda não regulamentada. É nesse contexto de disputa do território que a população em situação de rua ocupa essa área, suas ruas, marquises, becos e diversos “buracos”⁵. Nesse sentido, as ruínas do “setor”

² Produzido pela ONG No Setor (<https://nosetor.com.br/>), com forte atuação cultural neste território.

³ Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitacional do Distrito Federal. Disponível em: <<https://www.seduh.df.gov.br/comeca-a-transformacao-do-setor-comercial-sul/>>.

⁴ Está em processo de consulta pública e tramitação na Câmara Distrital o Programa de Revitalização do Setor Comercial Sul, denominado Viva Centro. Veja apresentação sucinta do projeto em: <<http://www.seduh.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/03/Viva-Centro-Apresentacao-2020-09-03-Conplan.pdf>>.

⁵ Os buracos são abundantes nessa região, para dar acesso aos estacionamentos e áreas de carga e descarga subterrâneas, bem como passagens de pedestres sob os largos eixos do avião.

abrigam muita vida e atraem diversas forças que disputam suas formas, produzindo e destruindo sua paisagem⁶ de modo bastante dinâmico e, por vezes, violento⁷.



Figura 1 Capa do jornal Jararaca, Brasília, 26 de abril de 2020, ano 2, número 11.

Fonte: <<https://nosetor.com.br/jornal-jararaca/>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

A pesquisa do IPEA pretende investigar as relações das pessoas em situação de rua com as instituições públicas de assistência social, saúde, segurança, documentação, entre outras, mas a

⁶ Sigo aqui Anna Tsing, para a possibilidade de vida nas ruínas do capital e conceito de paisagem (Tsing 2015).

⁷ As dinâmicas de produção do SCS como paisagem de “cultura de rua” é outro agenciamento estrutural que nos conecta a este território. Enquanto consumidores pequeno burgueses e brancos de uma hipervisibilização e renovada exotização da subalternidade popular, podemos estar mais perto da população de rua do SCS e de suas penumbras, ao frequentar sambas de roda e outras manifestações diurnas quanto noturnas. A ONG No Setor atuou fortemente pela valorização cultural do SCS, lançando blocos de carnaval, realizando festas, feiras e promovendo manifestações artísticas “de rua”, como o grafite.

partir de suas narrativas e práticas cotidianas. A intuição inicial é de, não só aprofundar o entendimento dos bloqueios e exclusões experimentadas e narradas desde a perspectiva desta população, mas, principalmente, nos abriremos para a experiência e experimentação das estratégias de negociação com categorias, protocolos, narrativas, relações e práticas que tecem a superfície do encontro entre a população em situação de rua e as instituições públicas. Dito de outra forma, nos interessam as traduções e os acontecimentos que se dão entre os dispositivos dos serviços institucionais e as pessoas em situação de rua, e que propiciam, ao contrário da ideia de exclusão, algum vínculo, alguma troca, alguma política. É nessa política que se afirmam vidas de uma população que se localiza e disputa a fronteira entre casa-rua, trabalho-vadiagem, proteção-risco, legalidade-ilegalidade, humano-animal, entre outras.

Mas por que esse tipo de problemática interessaria a pesquisadores como “nós”, pesquisadores de um órgão da administração direta do governo federal? Quais os efeitos que queremos com a pesquisa? Como nos responsabilizar “tanto pelas suas promessas quanto por seus monstros destrutivos” (Haraway 1995: 21)? Como expor e problematizar a parcialidade, a posicionalidade e os efeitos de poder da fala e texto dos pesquisadores a fim de que possamos alcançar uma objetividade que não negue história e luta ao outro pesquisado (Abu-Lughod 2018: 198-209) e, ao contrário, trabalhe politicamente para afirmar suas vidas? Esse texto trabalha para lidar com essas perguntas a partir de um incômodo e um zunido. Um zum zum zum de ratos e ratazanas que recorrentemente ouvi nas andanças com Estela, enquanto nos mostrava a paisagem da população de rua da área central de Brasília.

Análise de implicação e pensamento situado feminista

A análise de implicação, instrumento da pesquisa-intervenção, constituíram parte da teoria institucional nascida na sociologia francesa em estreita cooperação com os saberes e práticas “psi”. Aplicada a diversos campos, a análise de implicação pressupõe que o conhecimento é perpassado por e produtor de poder. Nesse sentido, intenta praticar a pesquisa de forma manifestamente

comprometida com uma política, mas antes uma micropolítica que se faz no campo da pesquisa⁸, ao borrar a fronteira entre sujeito e objeto de pesquisa.

A pesquisa-intervenção procura desfazer tal dualidade ao levar em conta a implicação do pesquisador, ou seja, a indissociabilidade da produção de conhecimento e da atuação/intervenção no cotidiano pesquisado, bem como a transformação das subjetividades envolvidas. Assim, a partir do entendimento de que nem subjetividades nem “fatos” sociais existem em si, mas são produzidos por agenciamentos simbólicos e maquínicos, propõem-se a inclusão da subjetividade do pesquisador como categoria analítica de um campo de implicação (Paulon 2005), do qual também participam ativamente os “objetos” pesquisados. Ao fazê-lo, aproximam-se a ciência da política, no sentido da imbricação do saber-poder, mas também no sentido da transformação do campo pelo pesquisador e vice-versa, transformação atravessada por linhas de força, linhas de fuga e linhas de subjetivação, em interação micropolítica.

Na pesquisa-intervenção pretende-se dar passagem, e em alguma medida inventar de forma coletiva, por meio da intervenção, ou seja, de um interpor-se, os acontecimentos (*événement*⁹), o novo que brota à revelia das condições prévias, da história ou da memória (Paulon 2005). O pesquisador implicado intervém no sentido de produzir e dar passagem a agenciamentos maquínicos e enunciativos (afetos, alianças, passagens, circulações, colagens e conexões materiais e simbólicas), que propiciem os acontecimentos, sem sentido prévio, pois atinentes ao devir. Há uma participação do pesquisador implicado na atualização do virtual, do que está para ser criado, produzido, em termos de novas narrativas, novas práticas e subjetividades.

Os problemas levantados pela pesquisa intervenção também foram enfrentados por outras tradições críticas, dentre elas aquela que chamo aqui de pensamento situado feminista¹⁰. Este

⁸ A teoria institucional ligada à pesquisa-intervenção e à análise de implicação se desenvolve mais amplamente a partir dos escritos do sociólogo René Lourau e do filósofo Georges Lapassade nos anos 70, na França (Coimbra & Nascimento 2008).

⁹ Sobre o conceito filosófico de acontecimento veja o Vocabulário de Deleuze (Zourabichvili 2004).

¹⁰ Espero que este agrupamento mais frouxo possa reduzir a violência epistêmica de juntar a multiplicidade de pensadoras como Patrícia Hill Collins, Donna Haraway, Sandra Harding, Dorothy Smith, Evelyn Fox Keller, e tantas outras pioneiras sob um único guarda-chuva das “teorias de perspectiva feministas”, como reclama a socióloga Dorothy Smith (1992: 89) dos arrazoados da estudiosa da ciência e tecnologia, Sandra Harding (2007 e 2019).

contestou os preceitos universais das interpretações masculinistas do mundo. Por tabela, ao revelar a racionalidade política do conhecimento estabelecido, a crítica feminista demonstrou a situacionalidade de todo conhecimento, possibilitando coalizões importantes com as críticas antiracistas, pós-coloniais, entre outras (Collins 2016; Costa & Grosfoguel 2016).

O compromisso político do pensamento situado feminista, para além de revelar a injunção imanente, situacional do conhecimento, é também de dar passagem para a diversidade de leituras dos mundos vividos, valorizando outros modos de conhecer, modos forçosamente corpóreos, afetivos, emocionais, intuitivos e coletivos. Afinal, estamos subjetivadas assim, portanto são esses também os modos em que pensamos: “*no transcendence for us*”, ironiza a socióloga Dorothy Smith (1992: 89). Nessa direção, a objetividade corporificada é uma forte reivindicação do pensamento situado feminista, na medida em que os modos de vida passam pelos modos de perceber o mundo por meio dos corpos e suas próteses, conexões e agenciamentos.

De um lado, por estar atado a um corpo, a um território, a um espaço, a um tempo, enquanto sítios de saturação do poder, o conhecimento não pode ser universal, não pode estar igualmente em toda parte. De outro lado, o corpo ao qual o pensamento se conecta não é exclusivamente “natural”, nem “social”, no sentido de ser um “dado”, finito e fechado, governado por “leis”. O corpo aberto, mônadas com portas e janelas, implicam um pensamento que não é de um corpo uno, de uma interioridade, de um eu, portanto não pode reduzir-se e dissolver-se no relativismo das infinitas posições individuais. Resultado: corpos e pensamentos nem universais totalizantes, nem particulares relativizantes.

Nesse sentido, ainda que as perspectivas dos grupos subalternos tenham a potência do pensamento não dominante (Collins 2016; Haraway 1995: 23-24), do pensamento que está, por isso mesmo, mais aberto à invenção, não se trata de privilegiar um ser cognoscente em detrimento de outro (Smith 1992: 91), aquele de uma suposta experiência imediata da opressão. Mas trata-se, sim, de dar um novo status ao *locus* de feitura do conhecimento, de retirá-lo da consciência individual e jogá-lo nos encontros do mundo. Tais encontros são também corpóreos, são afetivos, são superfícies se (re)fazendo constantemente. Assim, o pensamento situado feminista privilegia uma investigação que tenta conectar-se, sabendo que esta conexão é parcial, às experiências e

experimentações subalternas, tomando-as já como uma representação, e portanto perpassadas por linhas de força, e, ao mesmo tempo, ainda em busca de representação, perpassadas por linhas de fuga. Buscamos a potência de transformação dos mundos que essa conexão parcial pode gerar.

Nesta busca, é preciso conectar o sujeito do conhecimento ao seu objeto. De um lado, des-subjetivar o pesquisador: questionamos as condições estruturais que tornam aceitável o escrutínio e a violência de falar do e pelo outro, como se o objeto fosse coerente, atemporal e totalmente discernível do que seria o sujeito pesquisador. Afinal, de onde surge essa “vontade de saber” (Abu-Lughod 2018: 202-205) sobre o outro e que efeitos de poder esse conhecimento gera ao representar os objetos pesquisados, por meio de operações de fronteira (categorias, texto, normas, e seus desvios)?

Por outro lado, procura-se subjetivar, estrategicamente, o objeto. Estrategicamente, porque se trata de uma prática política, uma operação instrumental e não moral. Essencialismo estratégico (Spivak 2018), identidade em sutura (Hall 2000), humanização estratégica (Abu-Lughod 2018), racionalidades políticas, não Boas em si ou para si, mas boas por hora, enquanto servem a um propósito político em constante negociação. Esses são pleitos que surgem de leituras pós-coloniais e feministas sobre as linhas de força que “humanizam” uns mais que outros, e que circunscrevem identidades de gênero, raça, nacionais, entre outras, processos invariavelmente violentos.

Assim, as práticas de conhecer da pesquisa intervenção podem servir às preocupações do pensamento situado feminista ao apresentar alguns instrumentos para que o pesquisador se torne responsável por meio da análise de implicação. O pesquisador implicado pergunta-se: quais as implicações que tenho com meu objeto; quais as implicações que tenho com o local, organização pesquisada; qual a pertença e relações de poder que rodeiam a instituição e equipe da pesquisa; qual a implicação que tenho na demanda social em torno do objeto pesquisado; quais as implicações dos modelos epistemológicos e expressivos utilizados para a produção e comunicação da pesquisa. Essas perguntas são feitas continuamente, antes, durante e na divulgação da pesquisa

A análise de implicações se soma ao pensamento situado feminista ao dispor de uma mecânica de fricções com o campo pesquisado que propicia conexões, afetos criativos que dinamizam as posições, os corpos, e as paisagens, produtoras e produzidas por sentidos,

representações. A análise de implicação ajuda-nos a não sair do corpo, mas não quer o corpo parado. O convoca a chacoalhar, a dançar, a fim de produzir um novo pensamento. Segue abaixo um exercício de análise de implicação.

O Incômodo

Logo no primeiro encontro com Estela, nossa mediadora redutora de danos, ainda no planejamento para irmos a campo declara: não gosto de pesquisadores! Ela “não gosta nem de lembrar”, pois a relação com a equipe de pesquisadores universitários por ocasião do primeiro projeto com financiamento externo de sua associação foi muito conturbada. Pareciam querer “roubar” a associação deles, tendo constrangido Estela de alguma forma que não deixou clara em seu relato. Estela emendou com alegria que já no segundo projeto havia se empoderado e escreveu “com suas próprias palavras” o relatório final, bem como realizado toda a prestação de contas. Orgulha-se muito dessa experiência, mas acha que o produto ainda não foi tão bom quanto o relatório escrito para o terceiro projeto, redigido pelas colaboradoras mais novas, “minhas meninas doutoras”.

As referências à universidade, aos diplomas, aos pesquisadores, como expressões do conhecimento instituído e legitimado, estão sempre rondando a fala de Estela. De forma ambivalente, ela valoriza o fato de ter “meninas” graduadas em sua equipe e se orgulha de suas intervenções e trabalhos técnicos, mas também faz duras críticas à academia, ao que ela haveria identificado como roubo, como usurpação irresponsável e não implicada dos saberes da rua, incorporados e enunciados por ela.

Para piorar a minha situação de pesquisadora de um órgão estatal, Estela também expressou desconfiança em relação aos agentes de governo. Relata que sua experiência é de que governos querem “sensacionalismo”, querem aproximar-se para publicidade, uma vez que todo mundo quer salvar “putas, até a igreja quer salvar”. Não quer se associar a nenhuma política de governo para “poder mandar tomar no cu a hora que eu quiser”, ameaça.

Alguns dias depois, na minha primeira ida a campo por ocasião de uma festa junina no SCS, Estela falava pelos cotovelos, tentando mostrar serviço para nosso projeto em conjunto. Diante de minhas demonstrações de compreensão e concordância sentenciou: “Para de falar um pouco e escuta, puta!” Rimos. A seguir, Estela tentou chamar duas ou três “meninas” fazendo programa e vendendo crack na via S2 para comer a galinhada sendo servida na festa, mas não deram pelota para ela. Mesmo sentindo certa frustração de não poder mostrar mais material de pesquisa, ou talvez por isso, durante a andança deu-me uma aula sem respiros e fechou: “Depois você escreve um relatório com a nossa atividade de hoje, pros colegas.” Eu rapidamente assenti: “claro”!

No dia seguinte, lembrei com um pouco de ressentimento dessa lição de casa, tendo em vista a minha posição de pesquisadora e, como tal, no comando (!) da definição do método e procedimentos da pesquisa. Pensei: já tá querendo mandar em tudo. Resolvi: entra por um ouvido e sai pelo outro. Senti raiva de minha prontidão em obedecê-la. Desejo de aceitação? Tentativa de mistura? Tentativa de dissimular os abismos entre nós? Apagar por um breve momento a fronteira entre o sujeito pesquisador e o objeto pesquisado?

Como cheguei na festa junina no espírito da mistura – animada, falante, tendo cortado o cabelo junto com os moradores de rua na ação do salão evangélico, e seguido com afinco os passinhos Black da escola de dança que ali enfileirou os convidados animadinhos — talvez Estela tenha querido me lembrar do contrário: coloque-se no seu lugar de pesquisadora, puta! Escute e faça seu relatório.

O procedimento de Estela pode visar a restabelecer a distância do pesquisador, necessária para que sua associação mantenha autenticidade naquela mediação com a rua. Ademais, o procedimento veio na forma de comando ameaçador, talvez como reação informada por memórias de trocas ruins nas quais seu conhecimento teria sido desprestigiado e ameaçado de “roubo”. Simultaneamente, o pedido de relatório talvez seja sua maneira de dizer como poderíamos dar continuidade à pesquisa sem perder esses, de fato, preciosos ensinamentos que ela generosamente nos possibilita espionar.

Dois dias depois, acompanhada de um colega pesquisador, fizemos uma ronda com Estela na Rodoviária do plano piloto, que “é um mundo”. Mostrou-nos muita coisa antes invisíveis para mim. A certa altura, ao menor movimento do meu rosto para olhar uma senhora malvestida sentada na mureta de um canteiro, Estela me alerta que nem todo mundo é de rua, que precisa ter sensibilidade, tem que treinar o olhar. “Olha aquela mulher ali, transtorno mental, olha Joana! Nossa! A Joana, mano, não vê nada!” Dali a pouco, teste relâmpago!

Estela: Cadê os velhos de rua nessa hora? Onde eles estão?

Roberto: Onde?

Estela: Eu não vou responder não, otário, ah! Vocês aprendam sozinhos, ahahahha.

Depois de uma hora de ronda, em momento de relaxamento e deslocamento entre a rodoviária e a biblioteca nacional, troquei algumas poucas palavras com meu colega Roberto. Estela bruscamente nos silenciou: “ei, escuta aí porra!”. No fechamento do campo veio a cobrança do dever de casa, ritualizando uma relação de mando-obediência comigo.

Estela: Joana, cadê o relatório do nosso encontro na festa junina? Quero um relatório do campo de hoje também, tá irmã?

Eu: (sabia que não ia escapar! Fiquei sem graça, me senti uma aluna de quinta-série) Bem, tô realmente escrevendo um relato, mas tá demorando porque tô incorporando nossos encontros online também. Mas, na verdade, nós (referindo-me aos pesquisadores) ainda tamo definindo como vamos fazer os registros.

Roberto: É, eu vou pegar uns gravadores pra todo mundo.

Estela: *Joana vai pegar um café!* Vocês podiam descrever direitinho, quem é trecheiro, quem é morador mesmo, quem só faz manguieio (mais um dever de casa).

Roberto: Aliás, temos hoje a *live* do livro, das comunidades terapêuticas e Caps, que você participou, você leu? (espertinho, jogou a tarefa de volta pra ela!)

Estela: Eu sou muiiiittttoooo ocupada, Roberto! Eu não dou conta de ler essas milhões de coisa que cêis escreve não! Tenho mais o que fazer!

O Zum Zum Zum

Nos primeiros dias, ouvi a Estela falar diversas vezes de ratos, ratazanas, buracos e bueiros. Mostrava-nos buracos de passagem subterrânea sob o eixão (via expressa que traça as asas do avião), apontava as latinhas usadas para o fumo da pedra, os cocôs que forçosamente escapam ao fumar a primeira pedra do dia, o buraco no tapume da reforma urbana que o pessoal faz para se

esconder, fumar em paz, dormir. Andando em direção ao SCS, ela então ri ao contar um caso de um maluco que teve que correr atrás de um rato que roubava o bagulho (neste caso, pedra de crack) dele na boca.

Disse que preferia dormir com as ratazanas no bueiro, “cada ratazana assim ó”, do que ficar exposta à sociedade, à polícia e a todo perigo que decorre disso. Foi estuprada várias vezes na rua, levou tiro, facada. Dormia sozinha porque as mulheres da rua ficavam enciumadas de seus companheiros, quando ela queria curtir na noite com a galera. Não podia dormir com o grupo. “Não tenho culpa se o cara quer me comer! Não vou furar olho de homem não!” Ainda bem que Ela “é puta”, mas puta dormia sozinha com as ratazanas.

Noutras vezes, Estela disse que eles “não querem ser rato de laboratório”, nem ela e nem os seus interlocutores. Não gosta que nós digamos o que é “melhor” para a população de rua. “A rua tem história, a rua ensina, a rua fala. Olha os escritos nas paredes. Nós também temos umas opiniões de como vocês deviam viver a vida”. Tantas reivindicações de sujeito, de não objetificação, de história, autorrepresentação, agência e desejos. Ademais, disse que os da rua não gostam de ser mandados, não gostam de regras, não aguentam quatro paredes, uma vez que quase todos já passaram pela prisão. Estela também nos vigia, para que ela mesma não corra o risco de ser identificada pela rua como uma pesquisadora, desigual, apartada, distante, que observa de cima. Àquela altura incorporávamos os objetos-pesquisadores sanguessugas, que vão usar Estela e seus companheiros de rua e depois jogá-los fora, como ratos de laboratório.

Um dia, no encontro com Mané, perguntamos do olho que custava a ter um bom aspecto, olho que foi esfaqueado porque Mané rouba as coisas dos companheiros de rua, não é confiável. Não chega a ser X9 (delator para a polícia), mas não é bem aceito na “família” da rua, tem que dormir sozinho, longe dos outros. “Toda família tem seus ratos”, disse Estela.

Mané dormia debaixo de uma escada que dá acesso ao “buraco do rato”, última grande cracolândia da área central de Brasília. O local traz boas lembranças para Estela, mas atualmente só possui os rastros da guerra que expulsou os consumidores de lá: grades nas calçadas, pó de mico para irritar a pele de quem encosta, luzes brancas, câmeras de vigilância, paredes lindamente pintadas com grafites moderninhos e a grande casa de shows que trouxe movimento e barulho para

o local, espantando os moradores de rua, em especial aqueles que, ao fumarem, ficam mais introvertidos, noiados.

Shishishishishishixxshixshixshi....shisxxx....ssssshhhiiiiii (som de rádio sintonizando)

Amanhã! Imperdível! Guerra de mundos! Acompanhe o grande embate entre Oncorato 4736866 e Ratassassine! Não deixe de ver o debate do século no canal do Ratos do Porão! Amanhã às oito da noite!

Na hora e dia anunciados...

Ratos, Ratas, Ratazanas, Camundongos, Oncoratos e tantos outros brothers aí meu! Bem-vindos caraioooooo!!!!

“Clap, clap, clap, clap!” (patas efusivas)

Eu sou o João Gordo, representando todos os ratos de porão, que curtem ficar em casa ouvindo seu rock, comendo seu churrasco, tomando sua breja e engordando pá caraio!!! Ahahhahha, seus otário!

Tamo nessa live aqui pra botar pra fuder, pra ver o sangue nos óio! O embate do século hoje aqui galera! Vamo ter votação no final do programa! E convidamo uma plateia irada pra fazer pergunta cabulosa! Patas pra eles também porrraaaaa!

“Clap, clap, clap, clap!” (patas efusivas)

De um lado do ringue, o mano mais cabeça, o mais doutorzinho de merda, o bicho é branco transparente, o famoso Oncorato 4736866, o único que sobrou da primeira turma de Harvard de 1988! O cara, meu, tem câncer até na sombrancelha!!! Ahahhahha seus otário!

Do outro lado do ringue, a preta mais cool de todas, Ratassassine! Ela é profissional do sexo, é puta mesmo! Ela teve filho e nem era nascida, ahahhahahaha! A puta é ruera! A mana é patroa do Buraco do Rato! Essa corta a cara das ratazana que olha esquisito, bota moral mesmo! A puta já foi pro xadrez umas mil vezes. O xadrez pra ela é resort! Manda aí Ratassassine! Ladies first! Ahahh!

Boa noite aí bando! Meu nome é Ratassassine, tamo aí, depois de muita luta. Hoje eu sou dona do meu negócio, e tamo dando trabalho! Tem muitos irmão e irmã que trabalha aí comigo, fazendo os corre nos buraco, achando os bagulho mocoçado dos morador de rua, esses humano otário! Ahahh!

Meu negócio é honesto, é um trampo mano! Só que é na tora porque nós queremos viver do nosso jeito! Nós quer liberdade. Não queremos ser confinado, doméstico bonitinho, bilu bilu. Muito menos experimental. Queremo ser errante, me erra! ahahha

Nóis tamo aqui honrando a memória do extinto rato-candango, aquele que foi visto por último quando esses maluco vieram botar a capital do Brasil bem aqui no meio do cerrado¹¹. Nóis é rato-candango! Tamo na resistência do nosso povo. Se nossos companheiro precisar passar o rato nós fornece os oitão porque nós é nós! Não trabalhamos com política, não temo que aturar X9! Aqui é na tora.

Quando os pé preto aparece, os PM, os lojista, os vigia, os cara de bota, na verdade é tudo maluco que nem nós, só que pior. Precisa de ver as crueldade que os cuzão fazem com os morador de rua, mano, nem parece da mesma espécie! É porrada, leva tudo dos cara, documento, cobertor. Mano, coloca cal, pó de mico pros cara não dormir na calçada, detona a pele dos cara. Depois, dá marmitta com veneno. Isso quando não se junta pra estuprar mesmo e por fim, passar os rato! As vezes só de curtição os mané fica dando tiro nas perninha deles pra eles não correrem. Queima os cara vivo no ponto de ônibus! Pra cima de moi? Nem fudendo! Os gostosão vem pra cima de nós, aí tamo na guerra, nós rivaliza pra mandar nos buraco! Tem que proteger o território, tá ligado? O Buraco do Rato é nossoooooo!!!

“Clap, clap, clap, clap!” (patas efusivas)

Eu, na verdade, sou de boa, não sou noiada porque meu nome é trabalho! Ahahh! Meus avião tão aí, fazendo os corre nos buraco. Tem que ter olfato bom, produzir os hormônio certo...o doutor aí sabe explicar melhor que eu...e tem que ter pata pra correr! Nós acha os bagulho, os flagrante, que é pra nós vender aí, ganhar mundos! E pra ficar doido também né, que ninguém é de ferro! Eu mesma só fumo um bagulho de vez em quando, eita lombra gostosa!

O BO é assim. Os morador de rua, tudo uns vintedois, uns lesado, pinéu mesmo, não tem outra explicação, os nego vão mocozá os flagrante bem nos buraco nosso. Os viado dorme nos bueiro com os flagrante no bolso! Meu, esse corre é sopa no mel, como dizia a minha vó! Ahhahah Que deus a tenha!

¹¹ Ressoando Juliana Coutinho (2017).

Aí quando os vintedois vê nós com os flagrante na boca, mano é zueira...os cara corre atrás de nós! Mas aí, como é tudo nóia, tudo uns preto pé rapado, uns rola podre, uns bicho tipo assim, pior que barata, então os lesado não consegue pegar nós nem fudendo. Oh, desculpa aí, parada tá preconceituosa né? Paciência aí, falo? Tamo trabalhando na nossa humanidade.

Nóis veio aqui pra dizer: roubar de assassino, não é roubo! Nós faz o corre com muito suor e exigimo respeito pro nosso povo!

“Clap, clap, clap, clap!” (patas efusivas)

Porra, essa mandou a real! Na humilde! Agora queremos ouvir o Oncorato 4736866! Vai lá doutor, se apresenta aí pros irmão!!!

Boa noite João Gordo, boa noite a todos e todas que nos acompanham nas redes sociais. Agradeço o convite do Ratos do Porão, instituição tão importante, que vem promovendo o debate limpo, que forma cidadãos.

Sou o único sobrevivente da primeira geração de ratos criados artificialmente e patenteados para pesquisa em laboratório. Os humanos mantêm esses laboratórios para investigar os possíveis tratamentos de uma de suas piores doenças, o câncer. Nós, os Oncoratos, já nascemos geneticamente modificados para que tenhamos maior facilidade de desenvolver essa doença. Assim, os pesquisadores podem medir com maior rigor científico, as causas e efeitos de suas intervenções. Sabemos que quanto mais rápido respondermos, melhor será para eles. Muitos deles estão morrendo agora mesmo, enquanto estamos aqui conversando.

A comunidade de ratos experimentais realiza, com a ajuda dos humanos, diversos experimentos que fizeram avançar muitíssimo a vida em nosso planeta! Nosso grande objetivo é entender os dispositivos de dor e prazer dos humanos para educá-los a viver em harmonia com os seres do planeta!

Vocês certamente me acusarão de idealista, universalista, cosmopolitista, moderno, teleológico, essas coisas. Sei que existem muitas diferenças entre nós e que os humanos não são flor que se cheire. E sei disso no meu próprio corpo! Meu corpo sofre no lugar do corpo deles. Mas entendo que certos sacrifícios valem a pena pelo bem maior de fazê-los parar com a matança generalizada que vêm promovendo desde a revolução industrial. Não temos a liberdade da Ratassassine, que, aliás, é uma dama eloquente e que realmente merece admiração. Mas lutamos por uma causa maior, a liberdade de todas as espécies.

Ela tem o exército dela e nós temos o nosso. Somos 500 mil ratos e camundongos distribuídos em cerca de 800 laboratórios só no Brasil. E todos morrem anualmente pela ciência. No ano que vem, mais 500 mil serão imortalizados¹². Imaginem o tamanho dessa operação!

E como trabalhamos? É simples. É preciso estar muito atento, ter sensibilidade antropológica para perceber cada reação dos humanos, além de muito treino para registrar tudo com rigor e, assim, dar continuidade e acúmulo ao conhecimento gerado nos experimentos. Quando iniciamos o experimento, a cada micromovimento nosso, observamos a reação dos humanos. Dá para sentir tudo! Quando fazemos algo que é de seu agrado ou os decepciona, emitem sons, produzem odores e fazem expressões, em geral com o rosto, mas também podemos sentir no ritmo de sua respiração, nos sons de suas canetas e digitação¹³. Registramos com rigor cada reação para que o próximo combatente possa seguir o experimento dali para frente. Nossos odores são diversificados e codificados com precisão para realizar esse trabalho. Já descobrimos a penicilina, o antibiótico e as mais variadas vacinas e medicamentos!

Tá certo que não podemos decepcionar demais os humanos, senão eles trocam nosso exército pelos porquinhos da Índia. Com muito trabalho de articulação, conseguimos trazer nossos parceiros roedores para o Acordo Internacional de Paz Entre as Espécies. No momento, nós ratos controlamos mais de 80% dos experimentos em laboratório de todo o globo.

Porra Onco, tu fala pá caraio heim mano?! Acelera aí! ahahhah

Tô terminando Gordo! Bem, como vocês viram, não morremos em vão. E mesmo no momento da nossa morte estamos trabalhando a psiquê dos humanos. Já está cientificamente comprovado que os estagiários contratados nos laboratórios para realizar o deslocamento cervical e nos descartar, começam, com o tempo, a sentir todo tipo de mal-estar, incluindo depressão e uma opção pelo vegetarianismo. Aí também estamos ensinando os humanos a questionar sua matança generalizada¹⁴. Conseguimos chamar sua atenção para a importância de estar em presença da morte¹⁵. Não, não temos liberdade mas temos um ideal! Além disso, claro, temos um teto seguro,

¹² Dados de <https://super.abril.com.br/especiais/a-vida-e-a-morte-de-um-rato-de-laboratorio/>.

¹³ Ressoando Vinciane Despret (2016, pp. 89-96).

¹⁴ Ressoando Juliana Coutinho (2017, pp. 202-207).

¹⁵ Ressoando Isabelle Stengers (2018, pp. 448-450).

banho quente, comida abundante e uma vida de trocas muito intensas com os companheiros dessa luta. Sigamos juntos até a libertação final!

Uau! Que mano maluco! Já temos uma pergunta da Ratabond pro Oncorato. Manda aí!

Arrasou Gordo! Seu Oncorato, o senhor acha que dá para entender os humanos dentro de um experimento, mas eles tão aí na rua, matando nós tudo, como no Buraco do Rato! Lá tivemos que sair do estacionamento e ir pra mais fundo, construir novas galerias. Nossa sobrevivência depende dos moradores de rua que vivem mais perto de nós e têm o mesmo regime de sono. O resto não quer nem saber da gente, a gente não é considerado nem animal pra eles, somos uma subespécie, tipo, meu, podre, suja, feia, nojenta, desprezível! Tamo cansada! É uma guerra sim! Não tem colaboração, como o senhor, todo engomadinho, quer nos convencer! O mundo real é outra história! A Ratassassine busca a liberdade real, não essa promessa aí louca da paz mundial!

Opa Ratabond, não precisa ter raiva¹⁶ de mim não! Eu entendo sua crítica e ela é pertinente. Privilegiar os ganhos imediatos, por meios às vezes violentos, ou mirar no futuro, usando meios mais civilizados? Essa é uma questão muito importante de estratégia política. Outro dilema que você traz é se o nosso experimento é generalizável, ou seja, os humanos com os quais estamos testando, terão as mesmas reações que os humanos que estão aí na rua? É uma questão científica da maior relevância.

Respondendo à sua primeira pergunta, minha posição é de que não deveríamos utilizar a estratégia da violência e de associação com o submundo humano de moradores de rua, cracudos e traficantes. Porque isto só aprofunda e legitima a percepção que os humanos têm de nossa espécie: suja, feia e inculta. Os humanos quando olham para a Ratassassine não veem uma mulher inteligente e forte, lutando pela sobrevivência e liberdade de seu povo. Eles a veem apenas como uma esfomeada, suja e drogada que deve ser eliminada das vistas dos humanos de bem. Isso quando não a veem como uma simples ameaça mesmo. Mas ter medo de nós não é a solução, só leva à guerra de mundos.

Respondendo à sua segunda pergunta, eu não tenho dúvidas de que há uma diversidade imensa de humanos, assim como entre nós. Mas tem uns que mandam mais que os outros. Temos investido na grande política, no âmbito da ciência, das relações internacionais, da mobilização mundial em

¹⁶ Sobre o papel da raiva na política veja Audre Lorde (2007: 133-142) e Sara Ahmed (2004).

prol da vida. Esses embates molduram a micropolítica, lhes dão um espectro de possibilidades e bloqueios. Achamos que essa é a frente que deve ser privilegiada. O que não impede a luta cotidiana, micropolítica, desde que ela preze pela vida. A arma do opressor não nos serve!

“Clap, clap, clap, clap!” (patas efusivas)

Acalma aí galera! Agora é a vez da Ratassassine! O C57Bl/6, o camundongo mais versátil e demandado para pesquisa em laboratório no Brasil vai fazer uma pergunta pra ela.

Boa noite rataiada. É um prazer estar aqui com vocês! Bem, a senhora Ratassassine fala que vive como quer, livremente, com seu próprio negócio, e se divertindo quando bem entende. Mas ela esconde que vive ao relento, que não tem família nem companheiro, que só tem comida na hora que alguém descarta e que fica, como ela diz, nos mocós, num jogo de gato e rato. Ela vive com medo! Isso é vida? Isso é liberdade?

Olha mano, dentro do que foi e é a vida de muitas irmã aí dos buraco, é liberdade sim! Você não sabe o que é ter 8 filhotes por ninhada e 6 ninhadas por ano! São 48 fedelhos na sua cola por ano! Isso quando não tem os parente mordendo seu rabo, abusando mesmo! É muita história! Daí você não tem ideia do prazer que é poder ver a luz da lua, poder sair dos buraco à noite e curtir com o bando. Se a gente não tomar o território, não tem como levar uma vida minimamente digna. Dentro do que a gente tem pra hoje, a minha vida é de rainha!

Tá certo, não tem o conforto de um laboratório, mas também não tô morrendo de porra de câncer, tá ligado? Nem destroncado por um fedelho imbecil de espinha na cara! Tamo morrendo, mas é mordendo a perna de um lojista cruel, tamo morrendo deixando os pé preto doente, tamo dando trabalho pra esses puto! Quem tá usando a arma do opressor é o Oncorato, com ciência, laboratório, essas parada aí. Eu tô na luta real! E tô criando possibilidade da gente viver.

Dá ideia que nós ainda tamo roubando deles as lombra cabulosa da pedra, dos bagulho todo! Ficando doido debaixo do luar, coisa que você nem nunca viu! Daí nem precisa de cama, banheiro, cobertor...liberdade é não precisar de nada disso, porra! Liberdade é viver como der na telha, e não ter que seguir regra de laboratório, de política internacional...palhaçada! Regrinha de laboratório de doutorzinho branco que acha que sabe o que é bom pra nós. A vida que o Oncorato leva não me interessa! E pela sua pergunta, eu duvido que você tenha a mínima ideia do que nós queremos.....pois é. Só a nossa luta pode dizer o que nós queremos! Cêis nunca vão representar! Pronto, lacrei!

“Clap, clap, clap, clap!” (patas efusivas)

Carrrrraaaaiiiii! Tá difícil! Vamo ver como os irmão vão votar aí! Eu aqui tô meio indeciso!

Ruminações

Uma amiga acadêmica feminista ao ler a história dos ratos me disse: parece que você pende para a Ratassassine. Você está sendo demasiado conivente com a posição dela. Cada um tem seu papel, uma coisa não exclui a outra. Pensei: que questionamento instigante!

Naquela altura, ainda nos primeiros encontros da pesquisa, de fato estava arrebatada por Estela, e intolerante com os meus traços de sujeito liberatório (Mahmood 2006) e cosmopolita (Beck 2004; Latour 2018). Queria e quero me conectar a ela. Mas, não só promovi um embate no qual uma posição é inconciliável com a outra, e quanto a isso, não haveria problema, são posições das quais não sai síntese, e não há que haver tolerância (Stengers 2020), mas o formato de ringue, de competição online, de morte simbólica do outro perdedor, de lacração, expressaria um tipo de dinâmica relacional fechada à invenção, sem saída, sem fuga, sem devir? Penso que não.

Tudo bem, não há uma síntese possível, e o formato competitivo deixa isso patente. Ele permite uma descrição das dispersões das posições. Mas onde estarão as conexões parciais entre Ratassassine e Oncorato? Entre mim e Estela? Como sair do quadro dialético sem cair numa síntese? Teria sido como a operação de Pedro Vermelho, no conto de Kafka, em que sua linha de fuga, sua saída, foi humanizar-se, mas ao revés? Na tentativa de me deslocar da posição de sujeito-pesquisador, parece que, correlato ao que sugere Lila Abu-Lughod, invadiu-me um desejo por minha (des)humanização estratégica. Seguindo a pista de minha amiga acadêmica, parece que tal (des)humanização ocorreu em duas etapas.

Na primeira etapa, virei Oncorato: apesar de dominante entre os ratos, dominado pelos humanos: posição intermediária. Importante ressaltar que Oncorato é, por sua vez, estrategicamente humanizado em seus desejos de ciência e liberdade, mas ainda está em posição subalterna entre as espécies. Oncorato humanizado se conecta à minha posição estrutural, posição

intermediária, relativamente subalterna entre os humanos por ser mulher, de um país pós-colonial, mas branca e de classe alta.

Na segunda etapa, uma outra camada de (des)humanização ocorre por meio dos afetos que nutro por Ratassassine, não só uma ratazana, mas uma ratazana mais matável, menos enlutável (Butler 2017) e, assim, mais animal que Oncorato. Nesse deslizamento de subjetividades animais, diálogos com os diferenciais de humanidade entre pesquisadores brancos, pessoas “da rua”, pessoas que fazem uso de crack, prostitutas, entre outros, estão sendo travados. Aqui, me conecto com Ratassassine, e com o pessoal da rua, no meu desejo de autorrepresentação e de outras imaginações de liberdade. Liberdade do trabalho alienado, liberdade da família burguesa e das normas de gênero. Na tentativa de fugir dos desejos dominantes de Oncorato de representar Ratassassine, traço um espaço de enunciação (Spivak 2018) para estar em presença de Estela (Stengers 2018), em presença de sua diferença.

Estar em presença. Isso me lembra um ruído que também foi se produzindo no encontro com uma outra moradora de rua idosa com a qual tenho trocado desde o início da pesquisa. Ela sempre me olha feio, me desdenha, quando me prontifico a “ajudá-la”. Contraataca me dizendo que sabe da vida muito mais do que eu, que domina todos os caminhos para conseguir tal e tal benefício, serviço ou documento, que não precisa de ajuda, que vai sozinha, que tem muito o que fazer. Demorou muito para que eu me desse conta do que detonava essa revolta nela, apesar de efetivamente precisar de ajuda para muitas coisas. Um dia mandei um áudio de whatsapp para ela, perguntando como havia sido sua ida ao Centro POP para requerer o auxílio aluguel. Por coincidência era o dia da entrevista, mas ela respondeu que só estava marcado para o dia 20. Eu então mandei um áudio lembrando que o dia 20 era hoje, que corresse para o “pop”. Ao oferecer uma carona a ela, “minha ficha caiu”: “sei que você não precisa da minha ajuda, mas talvez queira a minha companhia”. Rimos em cumplicidade e fomos, juntas.

Referências

- ABU-LUGHOD, L. 2018. “A Escrita contra a cultura”. *Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, 5(8): 193-226.
- AHMED, S. 2004. *The cultural politics of emotion*. London: Routledge.
- BECK, U. 2004. “The truth of others: a cosmopolitan approach”. *Common Knowledge*, 10(3): 430-449.
- BERNARDINO-COSTA, J. & GROSGOUEL, R. 2004. “Decolonialidade e perspectiva negra”. *Revista Sociedade e Estado*, 31(1): 15-24.
- BUTLER, J. 2017. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- COIMBRA, C. & NASCIMENTO, M. L. do. 2008. “Análise de implicações: desafiando nossas práticas de saber/poder”. In: GEISLER, A. R. R.; ABRAHÃO, A. L. & COIMBRA, C. (orgs.), *Subjetividade, Violência e Direitos Humanos*. Niterói: EDUFF.
- COLLINS, P. H. 2016. “Aprendendo com a Outsider Within: a significação sociológica do pensamento feminista negro”. *Revista Sociedade e Estado*, 31(1):. 99-126.
- COUTINHO, J. 2017. *A cosmopolítica dos animais*. Tese de Doutorado em Filosofia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- DESPRET, V. 2016. *What would animals say if we asked the right questions?* Minneapolis: University of Minnesota Press.
- HALL, S. 2000. “Quem precisa da identidade?” In: SILVA, T. T. (org. e trad.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes.
- HARAWAY, D. 2009. “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. *Cadernos Pagu*, 5: 7-41.
- HARDING, S. 2009. “Objetividade mais forte para ciências exercidas a partir de baixo. *Em Construção: arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciência*, UERJ, Rio de Janeiro, 5: 143-162.
- HARDING, S. 2007. “Gênero, democracia e filosofia da ciência”. *RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, 1(1): 163-168.
- LATOUR, B. 2018. “Qual cosmos, quais cosmopolíticas? Comentário sobre as propostas de paz de Ulrich Beck”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 69: 427-441. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/145662>>.
- LORDE, A. 2007. *Sister Outsider: essays and speeches*. Berkeley: Crossing Press.

- MAHMOOD, S. 2006. “Feminist Theory, Agency, and the Liberatory Subject: Some Reflections on the Islamic Revival in Egypt”. *Temenos, The Finnish Society for the Study of Religion*, 42(1): 31-71.
- PAULON, S. M. 2005. “A Análise de Implicação como Ferramenta na Pesquisa-intervenção”. *Psicologia & Sociedade*, 17(3): 18-25.
- SMITH, D. 1992. “Sociology from Women's Experience: A Reaffirmation”. *Sociological Theory*, 10(1): 88-98.
- SPIVAK, G. 2018. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG.
- STENGERS, I. 2020. “A Maldição da Tolerância”. *R@u-Revista de Antropologia da UFSCar*, 12(1):393-400.
- STENGERS, I. 2018. “A proposição cosmopolítica”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 69: 442-464.
- TSING, A. 2015. *The Mushroom at the End of the World: on the possibility of life in capitalist ruins*. Princeton: Princeton University Press.
- ZOURABICHVILI, F. 2004. *O vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.